



HORA DE AVALIAR A AVALIAÇÃO

> Entidades científicas discutem com Capes mudanças na avaliação da pós-graduação; sugestão frequente é equilibrar quantidade e qualidade

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

A comunidade acadêmica vive a expectativa de mudanças no sistema de avaliação da pós-graduação feita pela Capes. Uma delas deve ser a inclusão de novos indicadores para mensurar a qualidade da produção dos programas.

O sinal verde para modificações partiu da própria Capes, no fim do ano passado. O Conselho Superior da agência solicitou à comissão de acompanhamento do Plano Nacional de Pós-graduação 2011-2020 que fizesse uma consulta sobre o tema

junto a entidades do meio científico e ministérios ligados à área.

No último dia 12, a comissão apresentou resultados preliminares ao Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES), que reúne diretores da Capes e professores representantes das grandes áreas do conhecimento. Realizado na sede da Capes, em Brasília, o encontro analisou sugestões de entidades como a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil (Andifes); Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); Academia Brasileira de Ciências (ABC); Finep

e CNPq. Ao todo, foram recebidos 14 textos.

“Identificamos dez pontos de convergência em dois terços das propostas”, afirmou Jorge Audy, da PUC-RS, que preside a comissão. “Agora analisaremos com profundidade”, completou, sem detalhar consensos nem divergências. Mas, segundo um docente ligado à Capes, um aspecto presente na maioria das sugestões foi justamente “um maior balanço entre indicadores quantitativos e qualitativos”.

O relatório final do grupo será apresentado ao Conselho Superior da Capes em agosto.

Comunidade científica apresenta sugestões

Utilização de critérios diferentes conforme a vocação ou localização dos cursos é aposta de entidades para mudar avaliação da Capes

“Precisamos desafiar o sistema de avaliação de novo para levá-lo a outro patamar”, diz a professora Débora Foguel, do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Ela foi a coordenadora da comissão que organizou a proposta da Academia Brasileira de Ciências para o debate, em andamento na Capes, que mexe com toda a pós-graduação brasileira. A professora ressalta que ajustes nos processos avaliativos sempre foram feitos ao longo dos anos, mas não se lembra de um movimento de discussão semelhante ao atual.

A Academia apresentou 11 sugestões. Entre todas, Débora Foguel gosta particularmente da possibilidade de criação de grupos vocacionais autodeclaráveis. Funcionaria assim: para efeito de avaliação, os programas seriam distribuídos quanto à vocação da pesquisa realizada (fundamental; básica estratégica; aplicada na área social; aplicada tecnológica). Haveria, ainda, a possibilidade de uma opção mista, com não mais de dois tipos de pesquisa. “Os indicadores são muito claros na prática científica. Mas o peso de cada um para cada um dos programas poderia ser melhor dimensionado”, acredita.

SBPC DISCUTE REGIONALIZAÇÃO

A crítica de que a atual avaliação da pós-graduação é muito quantitativa está presente no texto enviado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: “Tudo aquilo que se consegue colocar em números vale mais do que uma apreciação subjetiva de qualidade”, observou o professor Carlos Alexandre Netto, ex-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e responsável pela organização da proposta da SBPC.

Carlos Alexandre também entende que o atual processo peca na avaliação da interdisciplinaridade e não mede



DÉBORA FOGUEL

Professora do Instituto de Bioquímica Médica e integrante da ABC



Precisamos desafiar o sistema de avaliação de novo para levá-lo a outro patamar

a relevância social dos cursos. A SBPC discute ainda a regionalização: “Onde os programas ainda não atingiram a fase de desenvolvimento do mesmo nível do Sudeste, por exemplo, deveria haver critérios diferentes”, observa.

Presidente da SBPC, o professor Ildeu de Castro Moreira acrescenta que a pós-graduação deve dar uma contribuição mais efetiva para o desenvolvimento do país. “A pós-graduação fica fechada em si mesma”. De acordo com Ildeu, é preciso discutir mais o impacto do sistema: “A Capes precisa pensar os objetivos da pós. Que ela seja mais integrada com a realidade do país. As pessoas se preocupam muito com quantidade e prazos”, conclui.

Diretora da Adufrj, a professora Ligia Bahia considera positivo o atual debate, mas entende que é possível ir além e provocar mudanças estruturais na avaliação da Capes: “O sistema precisa se modernizar”. Ela defende a aferição da qualidade da produção dos programas e também cobra uma maior vinculação entre pós-graduação e graduação. “A Capes é uma Coordenação de Aperfei-

FOTOS: ARQUIVO ADFRJ



ILDEU DE CASTRO MOREIRA

Presidente da SBPC e professor do Instituto de Física da UFRJ



A Capes precisa pensar os objetivos da pós. Que ela seja mais integrada com a realidade do país.

çoamento do Pessoal de Nível Superior. Esse pessoal tem que ser avaliado na totalidade da sua atividade. Qual a repercussão da pós-graduação na graduação? É importante estabelecer estas pontes entre graduação e pós”.

A diretora da Adufrj questiona, ainda, os limites para a existência de programas 6 e 7 no sistema: “Este é um debate que ainda não foi superado, de limitar o percentual de programas que podem ser notas 6 e 7. Por que isso? Que número mágico é esse? O que importa é que os programas nota 6, 5, 4 ganhem estímulos permanentes para alcançar novos patamares de produção e de difusão do conhecimento”.

CEPG ATENTO AO TEMA

A assessoria de imprensa da reitoria da UFRJ informou que o Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) está acompanhando o tema. Os conselheiros já receberam as principais propostas produzidas: “No momento, um Grupo de Trabalho constituído no âmbito do conselho está tratando da questão”.



LIXEIRAS ESPECIAIS: peças estão no Parque Tecnológico da UFRJ; professora Dalila Pinto, da EBA, mostra o recado escrito por alguém, criticando a ideia de um lápis “cor de pele”

Lixeiras do preconceito

Exposição no Parque Tecnológico da UFRJ traz, entre peças criadas por alunos da EBA, lixeiras para relatos de racismo, machismo e LGBTfobia

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufjrj.org.br

“Lugar de velho é em casa”. “Você não é tão negra assim”. “Índio tem muito privilégio”. “Nem parece trans”. Essas são algumas das mensagens deixadas nas lixeiras de “Recicláveis?”, obra instalada no Parque Tecnológico da UFRJ. Criada por Thales Valoura, estudante e técnico da Escola de Belas Artes (EBA), a peça oferece bastões de madeira para que quem passa registre falas e situações para serem depositadas nas lixeiras reservadas a Machismo, Racismo, LGBTfobia e Outros. O fundo de cada lixeira é transparente para que todos possam ler o conteúdo.

A iniciativa, que integra o segundo ciclo da Galeria Curto Circuito de Arte Pública do Parque Tecnológico da UFRJ, está dando o que falar. Renato Alves, doutorando de Informática, confessa que usou o “Por que você está brava, é TPM (tensão pré-menstrual)?” em casa com a mulher. O jardineiro Ivan Junior já brigou por falarem “Macaco!” no futebol. E a estudante Larissa Carneiro cansou de ouvir “Engenharia não é para mulher” e “A culpa é do decote”. “A gente espera outra postura numa universidade”, lamenta.

Professora de desenho da EBA, Dalila Pinto reconheceu imediatamente o



“RECICLÁVEIS?” obra expõe frases entreouvadas em sociedade; artista questiona até que ponto é possível reciclar preconceitos

“lápiz cor de pele”, deixado na caixa do Racismo: “Sempre disse aos estudantes que isso não existe. Mas era uma explicação técnica de que tons são combinações de cores. Agora tenho a dimensão

política da coisa”. O autor da obra destaca quatro conceitos: crítica social, didatismo, desmistificação da arte e participação do público. E afirma que o título “Recicláveis?” não é aleatório: “Até que ponto é possível reciclar um preconceito?”, indaga Thales, que critica a forma como as chamadas minorias são representadas. “Muitas vezes, aparecem na mídia de forma vazia e carregada de estereótipos”, avalia.

‘DIVERSIDADE É A CHAVE’

Leonardo Melo, coordenador de Desenvolvimento Institucional do Parque Tecnológico, diz que a obra resume a ideia do curto-circuito de uma galeria pública no Parque Tecnológico. “Diversidade é chave para inovação na sociedade em geral e nas empresas”. O Parque, segundo Melo, aposta na aliança entre arte e tecnologia – e entre diferentes unidades – para promover criatividade e humanização. “Somos UFRJ. A consolidação da Galeria como extensão é prova disso”.

O coordenador celebrou a visita da diretoria da Adufrj ao Parque Tecnológico na segunda-feira, 11. “Esse diálogo nos fortalece como universidade”, destacou. A diretora Maria Paula Araujo (Instituto de História), deixou seu “Abaixo a gordofobia!” na lixeira “Outros preconceitos”. “Vivemos a ditadura das dietas e do visual fitness. Que as pessoas possam descobrir a própria beleza!”, resume.

GABRIEL NACIF PAES



COPA NO CARDÁPIO telão em restaurante na Escola de Química, no Fundão

ACOPA VISTA DA SALA DE AULA

GABRIEL NACIF PAES (estagiário)
gabriel@adufjrj.org.br

Enquanto o semestre não acaba, alunos, professores e técnicos equilibram as aulas com jogos da primeira fase da Copa do Mundo da Rússia. Muita gente assiste às partidas nos pátios e nas cantinas; o restaurante do diretório acadêmico da Escola de Química instalou um telão. Nos grupos de mensagens, um dos assuntos é a troca de figurinhas, na tentativa de completar o álbum.

O professor Bruno Souza de Paula, do Instituto de Física (IF), organizou um bolão de apostas da unidade com a participação de 63 professores e ex-profes-

sores. Cada um pagou R\$ 50 para apostar, e o prêmio do vencedor será uma TV de 49 polegadas de resolução 4K.

Apaixonado por futebol, Bruno está confiante no hexa: “A seleção melhorou muito com o Tite”, afirma. “O time está organizado. Se o Neymar for bem, vai fazer diferença.” No entanto, diz que é preciso cuidado com o favoritismo exacerbado. “É um campeonato curto, muito mata-mata, um jogo pode mudar tudo.” Ele aponta Alemanha e França como outras postulantes ao título.

Flamenguista fanático, o professor conta que o amor pelo futebol começou na infância, quando colecionava álbuns dos Mundiais. “O primeiro que completei foi o da Copa de 1990”, lembra Bruno, nascido em 1980. “Em 1994, não consegui, mas em 1998 e 2002 completei.” Na Copa de 2014, o professor assistiu a quatro partidas e destaca a integração entre as torcidas. “Foi divertido ver gente de outros lugares, menos os argentinos, acampados por todo lado”, brinca.



TROCANDO FIGURINHAS E PALPITES Bruno de Paula organizou o bolão, e prêmio é uma TV

CONGRESSO UNIVERSITÁRIO

Adufrj vai debater tema com Leher

Reitoria se comprometeu a ouvir entidades de professores, alunos e técnicos; seção sindical convoca conselho

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjrj.org.br

Adufrj se reúne com o reitor Roberto Leher, na segunda-feira (25), para discutir o tema do Congresso Universitário na UFRJ. O pontapé para a realização do Congresso será a aprovação de uma resolução pelo Conselho Universitário, em data ainda não marcada, com as informações principais sobre o evento, como os temas a serem discutidos e o cronograma. Na proposta original da Reitoria, a plenária final do Congresso Universitário ocorreria em 26 de setembro. Mas a administração central se comprometeu a ouvir previamente as entidades representativas docente, discente e de técnicos.

Na terça-feira, 26 de junho, o Conselho de Representantes da Adufrj vai se debruçar sobre a pauta do Congresso. Conselheiras e conselheiros da seção sindical vão discutir o tema às 14h, na sala D-201, no Centro de Tecnologia. A pauta inclui ainda o calendário de visitas da Adufrj às unidades da UFRJ.

NOTAS

MAIS UM ESTUDANTE MORTO NA MARÉ

■ Uma manhã de tiroteio no Complexo da Maré, na última quarta-feira (20), causou uma tragédia: a morte do adolescente Marcos Vinícius da Silva, 14 anos, atingido quando estava a caminho da escola. Marcos morreu na quinta-feira, e o episódio revoltou a comunidade, localizada ao lado da Cidade Universitária. A Polícia Civil fazia uma operação para cumprir 23 mandados de prisão. Houve reação e intenso tiroteio com grupos

criminosos. A Polícia Civil foi criticada por ter usado um helicóptero que realizava disparos. Foi aberto inquérito para apurar as circunstâncias da morte do estudante. Mais seis pessoas morreram. “É horrível, não entendemos a lógica de trocar tiros”, afirmou Diogo Nascimento, aluno de Matemática da UFRJ. Nas redes sociais, vários estudantes da universidade que são moradores da Maré relataram momentos de pânico.

BIO-RIO NEGOCIA COM UFRJ

■ Depois do anúncio de que a UFRJ decidiu rescindir o contrato com a Fundação Bio-Rio, a fundação negocia com a universidade para se manter na Cidade Universitária por algum tempo. A Bio-Rio está sob intervenção desde 2017 e não é credenciada como fundação de apoio da UFRJ. Várias empresas estão devendo aluguel à universidade. No local fica o Polo de Biotecnologia, com 34 empresas.